

VARIAÇÕES SOBRE O *ETHOS*

Resenha de: MAINGUENEAU, D. *Variações sobre o ethos*.
Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

Albylene da Silva*

Dominique Maingueneau é professor de ciências da linguagem na Universidade Paris-Sorbone IV e é atualmente um dos nomes de destaque na análise do discurso francesa. Seus estudos adotam as contribuições advindas de Michel Foucault, da pragmática e das teorias da enunciação linguística e têm como resultado um vasto número de obras que versam sobre o discurso e suas práticas na sociedade. A obra mais recente do pesquisador francês lançada no Brasil faz jus ao título que recebe por trazer uma variedade de manifestações do fenômeno do *ethos* discursivo. Nela, o autor mobiliza variados *corpora* e disserta sobre a resistência do *ethos* em contextos incomuns.

Variações sobre o ethos é organizada em duas partes principais: uma denominada “Introdução” e a outra “Variações”. Essa última, por sua vez, divide-se em outras três grandes partes, sendo elas: (i) “Ethos encaixados”, (ii) “Corpos públicos” e (iii) “Para além do texto: a parte das coisas”. Nos debruçaremos brevemente sobre cada parte de acordo com o espaço que aqui nos é concedido.

Inicialmente, no “Prefácio”, Maingueneau nos alerta sobre a instabilidade constitutiva do *ethos*. Ele mostra os limites e os poderes do fenômeno discursivo, ressaltando que todo enunciado, por mais distante que seja dos textos “clássicos”, é passível de análise e de reflexão. Por isso, precisamos concordar com o pesquisador em sua afirmação de que a diversidade de exemplos analisados é

* Mestrado em andamento em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco e Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdade São Luís. E-mail: albylenesilva@yahoo.com.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1781-1622>.

admirável: ele passeia de uma peça de Molière a peças publicitárias e, até mesmo, de anúncios em sites de relacionamento a orações religiosas.

Chegando à “Introdução”, o autor inicia a retomada de temas caros já tratados por ele anteriormente em suas obras. Com isso, o primeiro tópico se volta para a concepção clássica de *ethos* que advém da *Retórica* de Aristóteles. Nela, o objetivo do orador seria causar boa impressão, persuadindo o auditório de forma a ganhar sua confiança. Logo, havia a necessidade de mostrar três grandes tipos de *ethos* relacionados à prudência, à virtude e à benevolência. Nessa perspectiva, a concepção de *ethos* também se aproxima da ideia de costume, destacando a noção enquanto “[...] processos de constituição de um ‘si’ relativamente estável no interior de uma coletividade” (p. 10, grifo do autor).

Aspectos como *ethos* mostrado e *ethos* dito, assim como *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo (ou prévio) também recebem breve atenção do autor e são trazidos como uma espécie de revisão, sempre com exemplos que elucidam as noções.

Retomando os estudiosos que trabalham com a temática, Maingueneau aponta para Roland Barthes na esteira dos primeiros nomes a abordar a problemática do *ethos*, bem como Oswald Ducrot sob o viés da teoria da enunciação, Marcelo Dascal com o conceito de *ethos* dentro da retórica cognitiva, Ruth Amossy acerca da apresentação de si dando continuidade aos estudos de Erving Goffman e, enfim, ele próprio, observando a questão da incorporação.

A incorporação, então, é discutida a partir de conceitos como: fiador, corporalidade e mundo ético; com a exemplificação de um anúncio da marca de uísque *Jack Daniels*. Em seguida, Maingueneau (re)apresenta ao leitor suas colocações sobre a cena de enunciação e sua respectiva organização em cena englobante, cena genérica e cenografia. Para elucidar essas noções, o autor mobiliza *corpora* como uma entrevista televisiva entre um jornalista e um político e leituras bíblicas em duas diferentes plataformas: *webTV* e rádio.

Ainda na “Introdução”, são abordadas as três dimensões do *ethos*, conceito relativamente recente do autor, proposto em 2014. São dimensões que interagem entre si, a saber: “categorial” (papeis discursivos ou estatutos extradiscursivos), “experencial” (caracterizações sociopsicológicas estereotípicas) e “ideológica” (posicionamentos). Nesse momento, o autor retoma seu livro *Análise de textos de comunicação* (1998) para exemplificar como essas dimensões funcionam em um artigo publicado em uma revista feminina sobre avanços em relação à sexualidade.

Por conseguinte, a discussão entre *ethos* monologal e dialogal é desenvolvida a partir de uma entrevista com uma ex-ministra acusada de corrupção. Com isso, pensando no processo de negociação do *ethos*, outras noções como *ethos* compactos (quando o *ethos* dito é coerente com o *ethos* mostrado e com o conteúdo do enunciado) e *ethos* flutuantes (quando o *ethos* mostrado independe do *ethos* dito e/ou do conteúdo) também são suscitadas.

Um poema do final do século XIX e trechos de uma comédia de Molière ilustram a existência de um locutor irreal, assim como acontece com o *ethos* híbrido que é representado na análise de uma propaganda de festival artístico. Para mais, os processos de encaixamento e enquadramento são esclarecidos, ao mesmo tempo em que se debate sobre *ethos* representante e *ethos* representado, sendo elucidados com a análise de um anúncio em um *site* de relacionamento. Além disso, os “iconotextos” também recebem destaque a partir da análise de um anúncio de uma marca de bolsas. De acordo com o estudioso, o “iconotexto” surge a partir da interação entre o verbal e o visual, com ambos sendo fonte de significado(s) na construção de sentido(s) do enunciado.

Por fim, encerra-se a “Introdução” com uma reflexão sobre o movimento de interpretação até o processamento do *ethos*, mostrando-se, com mais breves análises de *corpora* não privilegiados, como esses são válidos para análises discursivas, além de se estabelecer como o *ethos* é “um dado coextensivo a todo

uso da linguagem” (p. 9). Assim, entende-se a razão pela qual o *ethos* é duplamente discursivo: porque acompanha todo uso do discurso e porque precisa ser analisado a partir de suas variadas condições de enunciação.

Como mencionamos anteriormente, a seção “Variações” é dividida em três grandes partes que, por sua vez, contêm três capítulos cada. A primeira parte, intitulada “*Ethos* encaixados”, traz a análise do encaixamento do *ethos* em enunciações que estão representadas em uma outra enunciação, como é o caso do teatro. No primeiro capítulo, Maingueneau trata do “arquienunciador” (ele, de certa forma, mostra o próprio *ethos*, mas não o fala) e sua relação com os *ethos* mostrados pelos personagens. Para tanto, o pesquisador analisa diferentes trechos de peças teatrais, percebendo também a ação do *antiethos* em obras de Molière.

O capítulo de número dois trata do *ethos* de narrador e do *ethos* de personagem e apresenta uma discussão sobre o confronto entre *ethos* representado (personagem) e *ethos* representante (narrador). Analisa-se aqui o romance “O abatedouro”, de Émile Zola, e a utilização do discurso indireto livre e a percepção do *ethos* de um fiador. Para o pesquisador francês, o romancista “[...] se atribui o poder de dar acesso ao conjunto do corpo social” (p. 64). Jane Austen também é citada neste capítulo a partir de um caso singular de encaixamento de *ethos*, em que o *ethos* do narrador recebe destaque por meio da organização textual definida pela autora, o que contribui para a construção de um certo tipo de *ethos*. Embora não explicitado qual seria o tipo ideal, ainda se constrói um tipo de *ethos* da própria narração a partir da transgressão à norma adotada ao longo da obra “Ema”.

O capítulo três da parte I é composto por análises acerca das encenações do *antiethos*. Objetiva-se analisar exemplos em que o personagem “[...] encarna para o enunciador representante um *antiethos* cujas modalidades variam com o tipo e o gênero do discurso envolvidos” (p. 71). O texto analisado é de Blaise

Pascal, *As provinciais*, que apresenta a figura do bom Padre que, a partir dos recursos utilizados pelo autor da obra, “[...] visa difundir os argumentos dos jansenistas para um público mundano [...]”, dessa forma, “[...] o *ethos* encarna a fala e a relaciona a um modo de ser cristão [...]” (p. 73). Ademais, na referida obra, o *ethos* atua em três planos simultâneos que vão desde a elaboração de um caráter para o texto, passam pela incorporação do *antiethos* e chegam à legitimação do discurso presente no texto.

O *antiethos* também aparece na obra *Homo academicus*, de Pierre Bordieu, em sua tentativa de confrontar os professores de Letras com o fazer das ciências sociais e mostra como as ideias são “[...] indissociáveis de modos de ser, encarnados nos modos de falar [...]” (p. 78). Em conclusão, tem-se a análise de uma reportagem que enfatiza o contraste entre um político de extrema direita e uma mulher habitante de uma localidade rural e pobre na França. A foto que acompanha o texto explicita a relação hierárquica existente. Nesse contexto, Maingueneau aponta para a interferência de um *ethos* supostamente neutro (o jornal) na desqualificação do *ethos* representado.

A parte II, denominada “Corpos públicos”, apresenta a observação de enunciações de contextos políticos que são advindas do gênero retórico “deliberativo” e analisa a polifonia constitutiva em três exemplos: o primeiro, tomado da Revolução de 1789; os dois outros, da política francesa contemporânea. Isso posto, no capítulo de número quatro, o primeiro da segunda parte, o corpo do porta-voz é destacado. A primeira análise se dá a partir de um discurso de Robespierre que, ao defender a abolição da pena de morte, demonstra a inscrição em três tempos, como se veria na *Retórica*. Ele parte do relato, produz uma analogia e anuncia o desenvolvimento da própria argumentação. Desse modo, Robespierre suscita em seu discurso uma cena validada, baseada numa memória coletiva. No mesmo capítulo também são analisadas uma pintura de Jacques-Louis David, amigo de Robespierre e defensor

dos mesmos ideais, imprimindo na obra imagens condizentes com o discurso do primeiro. Em seguida, um programa político-eleitoral de um militante altermundialista é considerado a partir da sua própria colocação como porta-voz. Mais programas políticos de partidos diferentes são colocados em foco, assim como a própria vestimenta dos candidatos, as quais colaboram para a constituição do *ethos* dos sujeitos envolvidos.

O *ethos* do sobrelocutor, aquele em que a presença física do locutor desempenha papel essencial, é posto em evidência no capítulo cinco. Aqui, Maingueneau trata de enunciações orais e focaliza duas situações: circunstâncias em que o locutor é forçado a tomar a palavra e quando o locutor converte uma enunciação em um evento excepcional. Nessa exemplificação, o pesquisador analisa o discurso do presidente da França em um momento de crise com visibilidade mundial e conclui que as estratégias utilizadas pelo locutor são mobilizadas no intuito de caracterizar o ataque sofrido pela França como um ato de guerra. O contrário também é analisado quando uma situação a princípio rotineira se torna um momento crítico. O locutor é Barack Obama e, a partir das análises, Maingueneau resgata o fio do discurso e o remete ao enunciado de Martin Luther King nos dizeres “[...] a urgência feroz do agora” (p. 109). O sobrelocutor, então, assume lugar num contexto amplificado a partir do que diz e do conjunto do próprio desempenho vocal e corporal. Nesse viés, a parte superior do corpo do enunciador se torna nobre e ganha destaque e, então, o locutor torna-se sobrelocutor.

O capítulo seis é composto pela discussão do *ethos* no corpo. Aqui, Maingueneau discorre sobre a modalidade em que “[...] o locutor não é mais, propriamente falando, um locutor, mas se transformou em suporte de um enunciado escrito” (p. 114). A partir disso, o autor sugere a mobilização da recente noção de enunciados aderentes (EA), apresentada em um colóquio na *Université de Cergy-Pontoise* em 2019. Tal noção é definida como “[...] enunciados escritos que

se encontram fisicamente em contato com um objeto que lhe sirva de suporte” (p. 115). Esses enunciados, ainda, “[...] destinam-se a figurar em determinado tipo de objeto, com o qual formam um todo” (p. 115). Nesse sentido, o autor explica que suporte e enunciado se afetam mutuamente e que esses enunciados ocorrem frequentemente, podendo ser dos mais diversos tipos.

Por conseguinte, a atenção volta-se para o corpo humano: “[...] associado a um enunciado, ele introduz uma imagem do indivíduo portador” (p. 116). Nessa perspectiva, tem-se o “portador” que serve de suporte para um enunciado e o “sustentador” que assume a responsabilidade por tal enunciado. Os EA também podem ser classificados em permanentes ou efêmeros, singulares ou compartilhados com uma pluralidade de pessoas.

Após a definição, Maingueneau apresenta as análises de diversos *corpora*, como a manifestação (enquanto pessoa coletiva), a inscrição corporal em publicações em redes sociais e em manifestações em forma de espetáculo/performance. Por fim, o francês analisa o *cartezete* compartilhado, um cartaz em um formato menor que carrega aforizações¹ em manifestações. É reforçado que essas duas últimas manifestações não são tradicionais, pois são organizadas com o objetivo de atrair a mídia, já que “[...] mediação e individualização vão de mãos dadas: o enunciado singular confere visibilidade ao indivíduo singular que o assume” (p. 126).

A parte III, intitulada “Para além do texto: a parte das coisas”, encerra a obra. No capítulo sete, “Uma oração em seu lugar”, encontramos uma análise da interferência do ambiente material na enunciação e, conseqüentemente, na constituição do *ethos*. Com isso, o autor aborda os enunciados inscritos em rituais, já que, normalmente, eles são pouco estudados pelos analistas do discurso devido

¹ O autor esclarece que aforizações são enunciados destacados de seu contexto original, com curta extensão e dotados de certa autonomia. Para uma visão mais aprofundada, recomendamos a obra “Frases sem texto” (2014).

a sua estabilidade própria. Logo, Maingueneau mais uma vez prova a sua versatilidade e decide analisar a oração *Confissão dos pecados* e as respectivas alterações as quais fora submetida em 1969.

A partir da discussão levantada pelo autor, compreende-se que as alterações realizadas na oração não deixam de carregar significados, uma vez que elas foram frutos de complexas negociações entre os grupos responsáveis por esse trabalho. Devido à entrada do português brasileiro em detrimento do latim, muda-se o foco do ator central, antes a Igreja, para os fiéis que, ao invés de simplesmente recitar as orações, precisam agora dizê-las. Desse modo, os fiéis ocupam o lugar de locutor ao assumir o que dizem. A análise entre as duas versões da oração segue de maneira ainda mais detalhada ao decorrer do capítulo e, ao final, Maingueneau acrescenta a discussão sobre como o próprio espaço físico das igrejas fora alterado a fim de acompanhar as mudanças sofridas.

Passando para o capítulo oito, “Agenciamentos e *ethos* editorial”, encontramos a relação interdependente entre agenciamentos e cenografias. Os debates eleitorais televisionados são tomados como exemplo de diferentes agenciamentos possíveis. Nesse contexto, o autor levanta o questionamento de que cada agenciamento corresponderia a uma cena genérica distinta, o que é comprovado com as imagens ilustrativas analisadas ao decorrer do capítulo, indo desde a instabilidade presente em agenciamentos em salas de aula até aqueles desenvolvidos nos debates citados anteriormente. Ainda, elementos como o microfone são considerados no conjunto responsável pela constituição do *ethos* nos contextos analisados, incluindo, além disso, análises sobre o uso do aparelho nas igrejas a partir da transição do latim para as línguas vernáculas e das modernizações realizadas ao longo dos anos, como o estabelecimento de uma cenografia mais íntima entre o orador e o público.

Em seguida, Maingueneau aborda a problemática do *ethos* editorial ao analisar livros dentro da faceta de uma enunciação editorial. A partir disso, somos

levados a perceber como até mesmo a disposição da capa dos livros pode ser reveladora do *ethos* do editor que, por sua vez, interage com o dos autores na busca desses últimos por certa compatibilidade com o texto.

Finalizando, chegamos ao capítulo nove que versa sobre o *ethos* em sua relação com a internet. Aqui, o pesquisador admite o confronto existente na atualidade entre analistas do discurso e as novas tecnologias da comunicação e aponta que, diferentemente do que acontece em *corpora* tradicionais, na internet vê-se a ascensão da cenografia e do hipergênero² em detrimento da cena genérica. Isso significa dizer que os elementos utilizados na constituição de um *ethos* nesses ambientes abarcam os mais variados recursos, de modo a dar conta das dimensões verbal e digital.

Além disso, a depender do tipo de fonte enunciativa que favorece um determinado tipo de *ethos*, também podem ser encontrados dois polos, caracterizados pela saliência ou pelo apagamento do *ethos*. Para exemplificar tais conceitos, o autor apresenta as interfaces de *websites* de duas universidades diferentes em seus respectivos processos de construção do próprio *ethos*. Encerrando o último capítulo, o pesquisador ainda aponta para a existência de um *ethos* forte (quando o enunciador tem autonomia para deixar “pistas” sobre o próprio *ethos* para o leitor ao longo da enunciação, permitindo a elaboração de um *ethos* consistente) ou de um *ethos* fraco (quando a enunciação precisa seguir determinados padrões e é, dessa forma, controlada, acarretando certo apagamento do *ethos*) que podem ser construídos a depender dos gêneros discursivos e da forma de conversação instaurada no ambiente digital.

Para encerrar o livro, Maingueneau traz um levantamento do número de ocorrências do termo *ethos* em uma pesquisa no Google para comprovar como o

² Em “Cenas da enunciação” (2008), Maingueneau define os hipergêneros não como gêneros, mas sim como uma categorização de gêneros diversos capazes de moldar-se a situações comunicacionais diversas.

tema vem sendo abordado hoje pelos mais diversos âmbitos das ciências humanas e sociais. No entanto, mesmo destacando os “poderes” do *ethos*, o autor também sente a necessidade de apontar para os “limites” da noção. Com isso, ele nos instiga a considerar quais *corpora* seriam mais frutíferos para uma análise dessa alçada e nos deixa uma pista: aqueles em que, de forma escrita ou oral, “[...] se define uma identidade individual ou coletiva que, por um trabalho de posicionamento implícito ou explícito, deve fazer ‘boa figura’, mostrar uma forma coerente e significativa para determinada coletividade” (p. 168).

Por fim, mesmo não sendo uma obra introdutória, exigindo do leitor certo conhecimento prévio em relação à temática, *Variações sobre o ethos* pode ser considerada uma importante contribuição para os estudos discursivos. Encontramos nela um extenso leque de possibilidades de *corpora* e de análises, o que evidencia o contínuo trabalho do pesquisador e o esforço para fazer da análise do discurso uma disciplina atualizada e condizente com os contextos de uma realidade que muda constantemente.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Casa da Moeda, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. Trad. de Sírio Possenti *et. al.* São Paulo: Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

Recebido em: 07/05/2021

Aprovado em: 21/06/2021

